

O Pecado e a Psicologia

John MacArthur Jr.

O pecado de Adão afundou nele toda a raça humana, assim todos nascemos culpados. A vergonha não é uma emoção indigna, mas uma reflexão honesta do que somos. Os seres humanos sentem vergonha desde o primeiro pecado (cf. Gn 2.25; 3.10). Às vezes, nossa vergonha é deslocada, é irracional ou até emocionalmente desequilibrada — mas a vergonha, em si mesma, certamente não é indigna. Ninguém é “bom demais” para sentir que é um pecador miserável. Isso é, afinal de contas, exatamente o que somos.

Essa doutrina está em sério declínio estes dias, causando prejuízo à igreja. Mudamos a letra dos grandes hinos, portanto eles não mais se referem a nós como “miseráveis” ou “vermes”. Compramos a mentira da auto-estima. Queremos minimizar nosso pecado, eliminar nossa vergonha, encorajar nosso ego e nos sentir bem. Queremos, em outras palavras, todas aquelas coisas que enfraquecem a consciência. Detestamos a vergonha, mesmo que justificada. Odiamos o arrependimento porque é difícil demais. Evitamos a culpa. Queremos a vida boa.

A pressa em adotar a psicologia contribuiu em muito para essa tendência. A psicologia em si é hostil à doutrina bíblica do pecado, e o movimento de casar a Bíblia com a psicoterapia certamente não mudou isso. Um manual de psicologia amplamente conhecido, usado pelos conselheiros pastorais, inclui o seguinte texto sob o título de “pecado original”. Embora seja muito longo, incluirei toda a parte do “Pecado Original”, porque ela mostra como a psicologia pode corromper a doutrina bíblica do pecado:

Nenhum psicólogo de boa reputação defenderia a teoria clássica da teologia e da antropologia de que o pecado é passado de geração em geração. O termo “pecado” agora está reservado para atos deliberados e conscientes de uma pessoa contra as normas aceitas, ou contra as tradições da sociedade e dos ideais associados com um Deus moral. O pecado é, portanto, um delito responsável. O pecado original tem, entretanto, um elemento de validade psicológica, a saber, o fato de as fraquezas dos componentes da personalidade terem uma história além do território da responsabilidade consciente.

Nossos impulsos hereditários, por exemplo, são nosso preparo mental. E como tal, são amorais. Atuam de acordo com os propósitos biológicos. Quando em conflito com padrões de conduta produzem problemas e se tornam predisposições fáceis para o pecado (deliberado).

Acrescente a isso as desordens provocadas pelo ambiente primitivo — além da vontade do indivíduo — e há a figura de uma deficiência no tipo de ajustamento social chamado de “moral”.

Se for verdade que todos geneticamente viemos de uma floresta primitiva, com um antigo preparo mental para ser usado na difícil luta pela sobrevivência, num mundo não muito fácil (mudanças de temperatura, animais selvagens, inundações, doenças, germes, etc.), e, que no curso do desenvolvimento social, atingimos um tipo de conjunto de relacionamentos sociais interpessoais que exige uma conduta mais gentil com os outros, então é fácil visualizar a dificuldade de ajustar os impulsos naturais úteis num tipo de mundo autoritário, em um outro que exige controle. Biologicamente, os impulsos naturais têm uma maneira de subsistir, apesar de o ambiente os conduzir ao seu enfraquecimento. “O pecado original” é um termo infeliz para os fracassos naturais do homem, em viver como deveria numa ordem social onde virtudes de altruísmo deveriam supostamente eliminar o egoísmo. Porém, há uma verdade no “pecado original”, a saber, aquela velha história do homem não foi apagada, apesar dos ideais enfatizados na sociedade em desenvolvimento. Enquanto houver essa disparidade (pela qual a pessoa individualmente não é responsável), há mais do que um mito na doutrina de que não somos facilmente transformados em santos.¹

Perceba como essa passagem absolve as pessoas da responsabilidade por todos os impulsos herdados, por todos os desejos malignos, por toda a tendência pecaminosa, por “todos os fracassos naturais do homem” — e até nos desculpa pelo próprio pecado original. As únicas coisas consideradas pecado são “os atos conscientes e deliberados de uma pessoa contra as normas aceitas ou tradições da sua sociedade, e os ideais associados com um Deus moral”. Quão longe isso está da definição bíblica! Mas alguém percebe? Alguém ainda sabe?

Fonte: *Sociedade sem Pecado*, John MacArthur, Cultura Cristã, p. 189-191.

¹ Vergilius Ferm, *A Dictionary of Pastoral Psychology* (Nova York: Philosophical Library, 1955), 173-74.